

Benjamim

CHICO BUARQUE

Ariela pára no limiar do apartamento, e pela janela vê a Pedra. Ato contínuo declina a vista, e no chão vê uma pilha de jornais intatos, latas de cerveja, um telefone emborcado, uma caixa redonda de papelão com uma fatia de pizza, o queijo rígido e engorovinhado, e sobre cada coisa, como uma camada de cinzas, pousa a sombra da Pedra. Há o cheiro da Pedra em Benjamim, que à saída do quarto fita Ariela, empedernido; é tão presente a Pedra naquela sala que, se Benjamim viesse a emparedar a janela, parece a Ariela que a Pedra ficaria do lado de dentro.

A morte de uma mulher está por trás da vida de Benjamim Zambraia. É a obsessão que o leva a associar tudo o que o cerca no presente a esse enigma do passado, a estabelecer todo o tipo de relações, a começar pelo instante em que encontra a jovem Ariela Masé, que em tudo lhe parece a outra.

Ex-modelo fotográfico, Benjamim duplicou-se desde a adolescência em câmera invisível para ver o mundo, e agora já não distingue mais o que vê fora de si do seu passado, de si mesmo. É esse filme perturbador que desfila sob a venda que encobre os olhos do protagonista diante de um pelotão de fuzilamento, no início deste romance surpreendente, levando a prosa às últimas conseqüências.

Raras vezes na literatura brasileira moderna houve tamanha identidade entre a forma narrativa e o mundo que descreve. O mundo opressivo e obsessivo desta história não surge do exterior, não vem de fora, mas é a própria criação de um estilo de narrar, é o resultado de uma prosa sem precedentes.

FRANCISCO BUARQUE DE HOLLANDA nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Cantor e compositor, publicou as peças *Roda viva* [1968], *Calabar* [1973], *Gota d'água* [1975] e *Ópera do malandro* [1979]; a novela *Fazenda modelo* [1974] e os romances *Estorvo* [1991] e *Budapeste* [2003].

“O livro é magnificamente bem escrito. O escritor chega à excelência em sua capacidade de captar os detalhes expressivos, de encontrar a imagem exata, e confirma seu domínio absoluto do ritmo. [...] Em momentos assim, o escritor Chico Buarque encontra o compositor Chico Buarque pela via do lirismo, e o resultado não é só alta literatura, mas também uma poesia dolorosa, uma quase-música que embala e comove.”

— José Geraldo Couto, *Folha de S. Paulo*

“[...] um livro surpreendente, onde as palavras são manipuladas para construir imagens perfeitas que poderiam estar numa das letras do autor. Mesmo dentro do sonho, os personagens ganham realidade e o leitor vira cúmplice involuntário ou angustiada testemunha muda. [...] Nas 170 páginas de *Benjamim*, Chico confunde e guia através da neblina da mente de Benjamim e mostra como o clima onírico de um delírio derradeiro pode ter jeito de diário.”

— Nayse Lopez, *Jornal do Brasil*

“*Benjamim* tem uma estrutura circular e polifônica habilmente construída. [...] Em *Benjamim* a narrativa não depende tanto das imagens. Os personagens são mais facetados e o ritmo varia. É fundamental, aqui, notar como Chico escreve bem. [...] Novamente Chico nos põe numa terra ambígua, em que realidade e ficção se confundem.”

— Daniel Piza, *Gazeta Mercantil*

“O romance é denso e não se entrega facilmente. Insere-se com brilho e originalidade na vertente ‘*amour fou*’ surrealista.”

— Silviano Santiago, *Ficções*

“[...] livro de um literato maduro, dono de seu estilo e senhor de sua escritura.”

— Mauro Dias, *O Estado de S. Paulo*